



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA
PORTUGUESA**

VÂNIA NASCIMENTO SILVA

**APAGAMENTO DO “R” EM VERBOS NO INFINITIVO:
RECORRÊNCIA NA ESCRITA DE ALAGOA-GRANDENSES**

GUARABIRA - PB

2022

VÂNIA NASCIMENTO SILVA

**APAGAMENTO DO “R” EM VERBOS NO INFINITIVO: RECORRÊNCIA NA
ESCRITA DE ALAGOA-GRANDENSES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a. Dra. Monique Alves Vitorino

GUARABIRA-PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Vânia Nascimento.
Apagamento do "R" em verbos no infinitivo [manuscrito] :
recorrência na escrita de Alagoa-grandenses / Vânia
Nascimento Silva. - 2022.
44 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Monique Alves Vitorino ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Variação linguística. 2. Apagamento do /r/. 3. Apócope.

I. Título

21. ed. CDD 410

VÂNIA NASCIMENTO SILVA

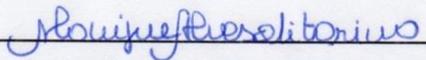
**APAGAMENTO DO "R" EM VERBOS NO INFINITIVO: RECORRÊNCIAS NA
ESCRITA DE ALAGOA-GRANDENSES**

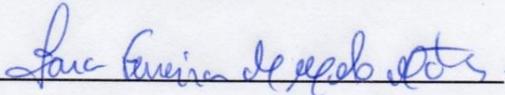
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras, do Centro de Humanidades,
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras.

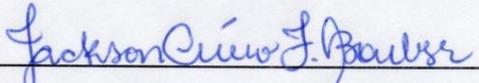
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 21/07/2021.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Monique Alves Vitorino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Dra. Lara Ferreira de Melo Martins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a minha inesquecível avó, Maria Inês (in memoriam); a minha mãe, Maria Luís (in memoriam) e ao meu irmão, André Nascimento (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu Deus, todo poderoso, por ter concedido anjos no meu caminho. Sem a fé no meu divino, não seria possível a realização desta monografia.

Aos componentes da banca examinadora: a Profa. Iara Ferreira Martins, o Prof. Jackson Barbosa e à Profa. Monique Alves Vitorino, quero dizer-lhes que a proficiência e o dinamismo são as palavras-chave que descrevem vocês, sobretudo à minha orientadora, Monique Alves, por indicar de forma pertinente e compreensível a direção que o meu trabalho deveria seguir.

À minha filha, Vitória de Paula, pelas trocas mútuas de conhecimento, minha irmã Adriele Nascimento e ao meu cunhado André de Lima pelas atenções dedicadas a mim nas horas mais precisas deste percurso.

Também, agradeço imensamente aos meus colegas de turma Fabrício Lopes, Jéssica Amorim e Selton Oliveira pela valiosa oportunidade de convivência e aprendizagem mútua durante a nossa vida acadêmica.

Aos servidores da coordenação, prof. William Sampaio de Lima e Marcielly Felix de Oliveira, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

*Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na
garganta
Que os capixabas e paroaras escancarem as
vogais?
Que tem si o quinhentos réis meridional
Vira tostões do Rio pro Norte?
Juntos formamos este assombro de misérias e
grandezas,
Brasil, nome de vegetal ...”*

Noturno de Belo Horizonte, Mário de Andrade

RESUMO

Os estudos sociolinguísticos se debruçam sobre o uso da língua no cotidiano, livre dos monitoramentos que direcionam os falantes à norma-padrão vigente. Dentre a vasta gama de interesse deste campo do conhecimento, notou-se que, por vezes, a escrita sofre influência da oralidade, sendo assim, um frutífero objeto de estudo para as análises sociolinguísticas. Cientes disso, propomo-nos, neste estudo, realizar uma análise quali-quantitativa e interpretativista da recorrência de apagamento do /r/ em verbos no infinitivo na escrita de informantes do município de Alagoa Grande, Paraíba. Dessa forma, objetivamos, para condução dessa pesquisa, investigar os desdobramentos do referido fenômeno de mudança a partir da observação de fatores sociais que implicam tipologias de variação: diagenérica, diageracional, diafásica e diastrática (CARDOSO, 2010). Para esse fim, dispomos dos dados de cinquenta informantes coletados através de questionários e, para esta seletiva, consideramos os seguintes aspectos: faixa etária, gênero, grau de escolaridade e naturalização do participante no supracitado município. As discussões presentes no estudo são feitas à luz de Labov (2008), Mollica (2003), Callou, Moraes e Leite (2010) e Bortoni-Ricardo, Machado (2013), entre outros. Como resultado, podemos afirmar que na escrita de alagoa-grandenses ocorre o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo, como se atesta em vários estudos e *corpora* (LEITE; CALLOU, 2005; PROJETO NURC, 2010). Em nossas análises ficou constatado que o fenômeno de variação evidente na escrita desses colaboradores ocorre independentemente de gênero, grau de escolaridade e faixa etária.

Palavras-chave: Variação linguística. Apagamento do /r/. Apócope.

ABSTRACT

The sociolinguistic studies focus on the use of language in everyday life, free from monitoring that directs speakers to the current standard. Among the wide range of interest in this field of knowledge, it was noted that something writing is influenced by orality, thus being a fruitful object of study of sociolinguistic analysis. Aware of this, we propose, in this study, to perform a qualitative-quantitative and interpretative reading of the recurrence of erasure of /r/ in infinitive verbs in the writing of informants from the municipality of Alagoa Grande, Paraíba. Thus, to conduct this research, we aim to investigate the unfolding of the aforementioned phenomenon of change from the observation of social factors that imply typologies of variation: diagenetic, diagenetic, diaphasic and diastratic (CARDOSO, 2010). For this purpose, we have data of fifty informants collected through questionnaires and, for this selective, we consider the following aspects: age group, gender, level of education and naturalization of the participant in the study is done through Labov (2008), Mollica (2003), and Machado (2013) among others. As a result, we can say in writing that the alagoa-grandenses occurs, which is erased from the /r/ in verbs in the infinitive, not being, therefore, an exception in relation to other municipalities and states, restricted to a specific social group. In our research, we found that the phenomenon occurs clearly in the writing of these employees, regardless of gender, education level and age group.

Keywords: Linguistic variation. Deletion of /r/. Apocope.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ASPECTOS FUNDAMENTAIS ACERCA DO PROCESSO DE VARIAÇÃO EM ESTUDO	13
2.1 FALA E ESCRITA E SEUS (DES)ENCONTROS	13
2.2 QUAL O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONAL?	15
2.3 A ESCRITA TAMBÉM VARIA?	19
2.4 O APAGAMENTO DO /R/ EM PROCESSOS DE VARIAÇÃO	21
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA	26
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE	43

1. INTRODUÇÃO

Dentre a diversa gama de estudos linguísticos voltados para o campo da língua, encontramos a sociolinguística. Diferente dos demais interesses das outras ramificações, a sociolinguística vai se debruçar justamente em um lugar que assume uma posição marginalizada diante dos estudos gramaticais e prescritivistas. Neste sentido, é de interesse da sociolinguística a leitura a partir da língua em seu contexto de uso, considerando os fatores sociais que ecoam na produção desta fala e conseqüentemente em sua escrita. Por esse ângulo, são destacadas as variações e diversidades presentes em qualquer língua natural.

Logo, visando contribuir de alguma forma com este estudo, surge o interesse, a partir de um recorte sincrônico e regional, de analisar a recorrência de uma variação linguística bastante ativa em contextos de interação social que ultrapassam os limites das materializações orais e acabam repercutindo na escrita em diversos contextos e situações. Desse modo, propomo-nos a realizar um estudo quali-quantitativo que visa analisar essa ocorrência de variação em se tratando da recorrência do apagamento do /r/, no final de verbos no infinitivo, recorrente nas mostras de escrita de alagoa-grandenses. Para tal fim, elencamos os seguintes objetivos específicos: 1) coletar material gerado pelos informantes voluntários para compor o *corpus* da pesquisa; 2) representar o percentual da presença do fenômeno do apagamento na escrita de homens e mulheres; 3) verificar fatores/variáveis através do critério de escolarização dos informantes.

Para a condução da análise pertinente a esta pesquisa, dispomos dos dados de cinquenta informantes coletados através de questionários e, para esta seletiva, consideramos os seguintes aspectos: faixa etária, gênero, grau de escolaridade e naturalização do participante no supracitado município. Além de material bibliográfico que versa sobre as questões levantadas para o desenvolvimento das reflexões acionadas neste estudo.

Nos termos dos pressupostos da Sociolinguística Variacional (LABOV, 2008; BAGNO; 2007; MOLICA & BRAGA, 2008), balizamos nosso pensamento de acordo com o que preconiza uma teoria em que os eventos linguísticos estão em contato direto com os aspectos sociais nas situações de uso real e interativo.

Como enunciado anteriormente, o nosso estudo faz um recorte regional. Dessa forma, restringimo-nos apenas a 50 informantes nativos do município de Alagoa Grande (25 homens, 25 mulheres), cidade pertencente ao estado da Paraíba, cuja população é estimada, de acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pelo censo demográfico de 2021 em 28.384 mil habitantes¹.

Segundo Avelar (2002), a cidade de Alagoa Grande, efetivamente foi fundada em 1864, e é a partir de 1870 que ela vai se expandindo com a chegada de muitos imigrantes italianos, alemães, portugueses, africanos escravizados e descendentes de judeus para se juntarem aos que ali já viviam, inclusive, com a população indígena denominada *Bultrins*, estes pertencentes a nação dos cariris, que, supostamente, foram os primeiros escravizados nas redondezas da cidade pelos colonizadores portugueses. Atualmente, livrando-se politicamente desse período colonial, a cidade tem realizado várias conquistas no decorrer de sua história, tanto que, hoje é conhecida, internacionalmente, como a terra de *Jackson do Pandeiro*².

De acordo com Avelar (2002), estes grupos de imigrantes, assim como os escravizados, contribuíram significativamente para a formação sociocultural do município devido às suas tradições culturais trazidas de várias partes do ocidente. No entanto, estas levas populacionais, principalmente os indígenas e escravizados, sofreram imposições na sua língua materna por parte dos colonizadores europeus. Esse episódio não é exclusivo do município em questão, pois ecoa em uma escala nacional, como comentam Torres & Silva (2019, p. 155): tais “influências indígenas e africanas ajudaram a caracterizar a diversidade do Português aqui no Brasil”. Por esses e outros motivos, fazem-se necessários estudos com recortes regionais que se debruçam sobre as possíveis influências no uso da língua e as variações linguísticas produzidas por essas inserções multiculturais.

Ainda acerca dos estudos de Avelar (2002), é possível constatar que muitos estudos já foram realizados no município de Alagoa Grande, sobretudo no âmbito cultural e histórico, porém, nota-se que não existem indícios de estudos publicados

¹ Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/alagoa-grande.html>>

² Segundo dados da Wikipédia, Jackson do Pandeiro, nome artístico de José Gomes Filho, nascido em Alagoa Grande, 31 de agosto de 1919, foi um cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro. Também conhecido como O Rei do Ritmo.

que retratam aspectos linguísticos da região voltados para este tipo de investigação. Ciente desta lacuna, compreendemos a importância de contribuir, enquanto pesquisadores em sociolinguística, na realização de um estudo voltado para as questões variacionistas do município. Dessa forma, almejamos, além de alcançar os objetivos propostos aqui, poder contribuir com futuras pesquisas nesta região.

2. ASPECTOS FUNDAMENTAIS ACERCA DO PROCESSO DE VARIAÇÃO EM ESTUDO

Nesta seção, construímos um percurso de temática que explora os pontos de reflexão que auxiliam a compreensão teórica do fenômeno, a partir de recurso bibliográfico documental que aciona temáticas para a condução do fazer científico, neste contexto. A abordagem se ampara em discussões como a dicotomização entre a fala e a escrita e como essas duas modalidades se enquadram nos estudos linguísticos de vertente sociolinguística e variacionista. Ainda, buscamos alternativas para observar fenômenos de mudança nessas materializações e, por fim, como se dá o apagamento do /r/ no final da sílaba, posição de coda, e como devemos enfrentar esse acontecimento como um aspecto de mudança linguística.

2.1 FALA E ESCRITA E SEUS (DES)ENCONTROS

Desde a virada pragmática, a partir da década de setenta, do século passado, o enfrentamento a situações caracterizadas pelos dinamismos da língua(gem)s têm passado por grandes transformações no que diz respeito às realizações factuais de uso.

Nesse sentido, o modo de pensar sobre as articulações e modalidades de linguagem, num prisma praxeológico, vem sendo repercutido em todo de atividades discursivas e como estas se desenvolvem em suas materialidades orais e escritas. Tendo em vista que essas “produções discursivas são eventos complexos constituídos de várias ordens simbólicas que podem ir além do recurso estritamente linguístico” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 13), tem-se buscado ampliar o horizonte das semiologias que (re)discutem os fatores languageiros em torno dessas materializações da língua.

Eventos de interação têm, de certa forma, regido os acessos às reflexões amparadas na forma como os falantes/usuários da língua realizam essas dinamicidades. Desde que a heterogeneidade passou a conduzir a descrição linguística, foram estabelecidos novos parâmetros de análise.

Outra questão que deve ser considerada, quando o assunto é a dicotomização entre fala e escrita, são os processos de mudança no que se compreende por gramática emergente (HOPPER, 1998), que trata por desvelar os efeitos de mudanças que sofrem as línguas naturais.

Nessa comparação entre os modos de dizer o mundo/agir no mundo/interagir no mundo utilizando-se os recursos orais e escritos, é um certo equívoco tratar essas formas como recursos de uma variação diafásica, como sendo escolhidas a partir de uma situacionalidade. Não deixa de ser, mas o que deve ser considerado, como assegura Cardoso (2010, p. 59) é “a natureza do dado obtido”, ou seja, em situações onde a fala é o registro, a descrição é regida pelas variações no âmbito da oralidade, por conseguinte, se a recolha trata de dados de língua escrita, a análise deve ser regida pelos mecanismos dessa modalidade.

Toda essa proposição nos serve para indiciar uma discussão levantada por Marcuschi e Dionísio (2007, p. 15):

Considerando que a variação linguística é normal, natural e comum em todas as línguas, pois todas as línguas variam, não devemos estranhar as diferenças existentes entre os falantes do português nas diversas regiões do Brasil. Contudo, a grande variação presenciada na oralidade não se verifica com a mesma intensidade na escrita, dado que a escrita tem normas e padrões ditados pelas academias. Possui normas ortográficas rígidas e algumas regras de textualização que diferem na relação com a fala. Mas isso ainda não significa que não haja variação nos modos de escrever. Sabemos que essa variação existe, e ela será aqui apontada e estudada em algumas de suas realizações.

Essa afirmação pode ser explicada pela gama de dados reunidos por diversos corpora existentes no âmbito da pesquisa e descrição sociolinguística, espalhados em diversas instituições de ensino superior do Brasil. Mas essas mudanças começaram a ser observadas a partir de textos/documentos escritos, desde os primeiros escritos que são fontes das primeiras realizações linguísticas do nosso país. Neste campo, o trabalho filológico revela as transformações da língua, em parâmetros mais funcionais do que variacionais, no sentido que fica mais fácil de se vislumbrar o processo de mudança de algumas construções linguísticas em processos de gramaticalização, por exemplo.

Voltando à fala e à escrita, o que podemos perceber, no espelhamento dessas manifestações, são problematizações que ainda surgem do processo de analogia fonética e/ou ortográfica, principalmente no que diz respeito aos processos de aquisição da linguagem, uma vez que, conforme assegura Henriques (2006, p. 9), fonética e fonologia “estão de braços dados com a ortografia, a ortoépia e a prosódia, e as consequências da quase sempre tardia

revelação dessa parceria são por demais conhecidas por todos, pois se desnudam nas salas de aula [...] no exercício docente em turmas do fundamental e médio”.

Para professores, em formação e em exercício, é muito fácil reconhecer esses desdobramentos. Como já mencionamos, o processo de aquisição retrata muito bem a analogização entre os procedimentos de manifestação entre fala e escrita. Os alunos, em processo de aquisição da escrita, tendem a escrever como falam e isso revela um longo caminho entre o português ideal (procedural) e o funcional (falado, recorrente, utilizado).

Fora dos muros escolares, a língua escrita continua em acontecimento. Estamos em constante contato com a escrita para além dos grafismos e, ainda, ultrapassando limites semióticos. Isso quer dizer que não temos dimensão de como o signo linguístico se manifesta na efervescência da manifestação da linguagem pela escrita. Por isso, é importante também considerar a escrita, diante dos fenômenos de mudança, porque se trata de uma realização factual e real da língua.

2.2 QUAL O PAPEL DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONAL?

É um consenso para o campo do conhecimento que as contribuições de Labov (2008) foram o marco do início dos estudos sociolinguísticos, isso porque se inaugurava um campo de estudo que considerava as motivações sociais como aspectos determinantes para observação de mudanças sonoras. Duas pesquisas foram determinantes para a implementação dessa nova tendência de investigação linguística: (1) a investigação do dialeto da ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, estado da costa leste dos Estados Unidos. Ele havia constatado que na fala das pessoas que residiam nessa ilha existia algo diferenciador que tratava da centralização das vogais nucleares nos ditongos decrescentes (light /lai hau t/ = [əɪ] e house / s/ = [əʊ]), isso porque essa variação era marcada em algumas formas do inglês falado no Canadá, mas não era típico do inglês de New England (LABOV, 2008, p. 28-31); (2) SE dois grupos subgrupos de quaisquer falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r) (LABOV, 2008, p. 65).

Labov (2008) assegurou que o meio/método de se obter grande quantidade de dados confiáveis é a gravação da fala individual. Para o seu segundo estudo, essa estratificação foi observada nas formas onde o (r), em posição pós-vocálica, para que fossem observadas as condições sociais dos falantes de NY, onde a pesquisa foi feita.

Voltando a questão do método, Labov (2008, p. 70), ressaltou que

[...] o entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: 'por favor, onde ficam os sapatos femininos?', a resposta geralmente era: 'Fourth floor' ('Quarto andar').

Sem que o investigado tivesse conhecimento de que estava sendo observado, ou mesmo que fazia parte de um objeto de participação de uma pesquisa, Labov (2008) recolhia as informações linguísticas, que logo seriam tratadas como dados, que eram ouvidas cuidadosamente para compor seu corpus, anotando o que fosse mais interessante enquanto fenômeno observado, para que depois fosse realizada as suas considerações quantitativas. Dessa investigação, foram constatadas variáveis identificadas pelo uso do (r) em situações casuais (*fourth four*) e, ainda, como formas enfáticas (*fourth four*).

Desde então, muitos fenômenos, no âmbito da fala, vêm sendo observados e investigados por muitos estudiosos das realizações variacionais do nosso sistema linguístico. Para isso, os estudos da Sociolinguística

Consideram em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistematicamente e estatisticamente. (MOLLICA; BRAGA, 2008, p. 9-10):

As autoras imprimem a ideia de que é básico, para esse campo de estudo, a noção de que tanto a variação como a heterogeneidade não acontecem de forma aleatória, já que alguma situação permite que sejam inseridas como

condicionantes, outros aspectos de motivação, mas é regulada, em outros termos, direcionada por regras. Os estudos puramente sincrônicos ou imanentes também são destituídos desse novo olhar linguístico. Assim,

A compreensão de que, na língua, fatores externos e heterogêneos são determinantes para os processos de variação e mudança é o que sustenta a noção de língua heterogênea, tão cara à Sociolinguística. Nesse diapasão, considera-se, também, o surgimento dos postulados da Sociolinguística Variacionista para dar conta dos processos de variação e mudança linguística conforme veremos ao longo do texto. Ao enfatizar a heterogeneidade das línguas, o modelo variacionista rompe com pressupostos clássicos da Linguística estruturalista, instaurados a partir de Saussure, que, por sua vez, defendia que a língua era homogênea e que competiria ao linguista estudar as regularidades desde sistema fechado considerando sua ordem linear, bem como a frase enquanto limite de análise para, sem seguida, construir uma teoria que desse conta da relação entre sistema e homogeneidade e estrutura e estudo sincrônico. (BARBOSA, PEREIRA, SILVA, 2019, p. 40)

Com base nas articulações oferecidas pelos estudos que selecionamos, construímos uma reflexão que parte da indagação: eeria, então, a sociolinguística um ramo da Linguística? Calvet (2002) defende que a Sociolinguística nada mais é se não a própria linguística, devido a relação que alguns teóricos fazem sobre a língua ser um fato social, a linguística, por sua vez, é uma ciência social.

O aspecto social surge porque a lente do observador está focada para a multiplicidade de realizações linguísticas que surgem das estratificações, das camadas, dos meios, das situações, das sociedades, dos papéis sociais em que os falantes/usuários de um sistema linguístico estão inseridos. Assim, pensar em variação não é pensar na supervalorização de uma forma ou subvalorização de outra, mas pensar que as formas estão a serviço da comunicação que se consolidam como marcos de mudança.

Segundo Cezario e Votre (2013, p. 41) a “sociolinguística se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua”. Nesse sentido, diversos grupos sociais, diversas regiões, diversas etariedades, situacionalidades, gêneros, são colocados como parâmetros de observação. Na determinação de categorias que estabelecem como os fenômenos são observados, a mais comum é a variação diatópica, aquela que observa os fenômenos em coexistência em cada localidade ou região. Esta é a mais recorrida nos diversos

trabalhos que tratam de Sociolinguística Variacional. Cardoso (2010), no método da Geolinguística – um estudo que observa a variação diatópica de maneira mais detalhada – também chamada de Dialetologia, distribui outras formas de variação como:

-Variação diageracional- toma como base a idade dos inquiridos, justificando que as diferenças observadas nesse ponto servem para comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e dos idosos;

-Variação diagenérica - contempla a diferenciação nas formas orais usadas por homens e mulheres;

-Variação diastrática - condiz com a escolha de acordo com o critério de condição social, grau de instrução e localização dos falantes em espaços urbanos e periféricos

-Variação diafásica - considerada a partir das situações de comunicação que são travadas entre os interlocutores, correspondente aos estilos e intenções expressivas diferenciadas, garantindo ao falante utilizar-se de vários registros, como já citamos anteriormente.

No contexto escolar, a Variação surge como alternativa para a compreensão dos fatores que influenciam os níveis de letramento dos alunos (BAGNO, 2007; BORTONI-RICARDO, 2004; BRASIL, 1998).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, na tentativa de consolidar e de que os atores da cena escolar reconheçam a importância de se trabalhar a diversidade linguística do Brasil a fim de se promover um ensino crítico, reflexivo e eficiente de língua materna ressalta que

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação de respeito à diferença. (BRASIL, 1998, p. 26)

A implementação de documentos que regularizam o ensino de língua – entre outros componentes curriculares – revela o salto qualitativo de políticas educacionais que visam um ensino justo e igualitário e, sobretudo, que descentralize formas privilegiadas de “usar” a língua. Antes, o tradicionalismo priorizava a casuística linguística – termo cunhado por Ilari e Basso (2011) como método de instruir alunos a “acertos” na fala e na escrita que eram ditados por uma cultura gramatical puramente procedural.

Segundo Faraco (2008, p. 179), o avanço em abordar a variação linguística no ambiente escolar é imprescindível, pois:

Temos de reconhecer que estamos muito atrasados na construção de uma pedagogia da variação linguística. Parece que não sabemos, de fato, o que fazer com a variação linguística na escola. E o que temos feito é seguramente bastante inadequado.

Essa mudança de perspectiva garante que a escola não seja um ambiente discriminatório, onde não sejam valorizados os diversos perfis dos seus alunos, entre outros componentes e, ainda, que o preconceito linguístico não seja uma prática evidente para que não haja limite nas relações sociais preconizadas pelas ações de cidadania viabilizadas por uma educação igualitária.

2.3 A ESCRITA TAMBÉM VARIA?

O resultado das pesquisas que visam a compreensão de como as línguas mudam, inicialmente, se deram a partir de registros escritos, como evidenciamos nas primeiras palavras de nosso trabalho (MESSIAS, 2007; TESCH; YACOVENCO, 2014). Com a determinação de perspectivas e paradigmas para delimitar métodos e formas de descrever e analisar a língua, esse recurso de observar as “alterações” de códigos escritos fica mais a cargo dos filólogos e especialistas em História da Língua.

Mesmo assim, o acesso aos textos que retratam características diacrônicas de uma língua não é de fácil acesso, como ressalta Tarallo (1997, p. 71) e, ainda, as interpretações sofrem com o risco da pecha de serem guiadas pelo “viés da língua escrita”. Isso revela que mesmo que a fonte revele uma tendência temporal de determinado uso, o monitoramento é, ainda, um fator recursivo que aumenta as barreiras entre a modalidade falada em determinada época.

No paradigma de variação em tempo real (PAIVA & DUARTE, 2003, p. 13) se preconiza que os “movimentos de mudança possam ser apreendidos no seu curso de implementação”, ou seja a fixação por uma predileção diacrônica é diluída pelo recurso que observa as mudanças em determinadas sincronias – atuais ou não.

Paiva e Duarte (2003, p. 17) ressaltam, em seu estudo, que o objetivo de verificar a mudança em tempo real permite recobrir aspectos que não podem ser detectados pelos estudos em tempo aparente, distinguindo mudanças que se produzem de forma gradual em toda a comunidade linguística daquelas que podem caracterizar a trajetória de comportamento linguístico do indivíduo ao longo da vida.

Para além de critérios de escolarização ou etariedade, o advento dos recursos multimodais, em sincronia atual, anda influenciando bastante tendências no âmbito da variação escrita da língua (uma hipótese considerável). Isso quer dizer que a entronização da escrita, em suportes tecnológicos, acaba sendo mais um fator de constatação e verificação de padrões de mudança.

Em relação ao tratamento da variação na escrita,

É pertinente ressaltar que algumas variantes desses fenômenos são utilizadas de forma diferente do que prescreve a tradição gramatical, porém os usuários da língua não sentem que estão usando formas não preconizadas pela prescrição gramatical, uma vez que esses fenômenos apresentam variação com variantes sem estigma social. (TESCH, YACOVENCO; SCHERRE, 2014, p. 88)

Acima, as autoras enfatizam que não é o registro da tradição gramatical que regula a entrada de fenômenos variáveis na escrita. Mas fatores externos, a tal tradição, acabam influenciando formas de compreensão e uso.

Nos dias de hoje, podemos afirmar, com maior veemência, que encontramos, em diversos gêneros e suportes, realizações linguísticas que exigem um certo cuidado com o seu tratamento. Elas podem revelar mais do que déficits de aprendizagem, afazias, descuidos etc. A recursividade conferida a tendência na grafia de certos vocábulos, ainda pode revelar estes aspectos, mas, isolados, eles não constituem valores heterogêneos de análise.

2.4 O APAGAMENTO DO /R/ EM PROCESSOS DE VARIAÇÃO

Podemos encarar esse fenômeno a partir de acontecimentos que estão na órbita da questão do apagamento/queda do (r), mais necessariamente no que diz respeito a um paradigma de designação de verbo no infinito.

Antes de refletirmos acerca das situações que ocasionam a rotinização dessa “erosão” fonética/morfológica – esta última porque estamos recorrendo a aspectos de mudança de linguagem escrita -, devemos, em termos de abrangência teórica, investigar como tem se abordado, no campo da linguística de base, esse tipo de acontecimento.

A depender da perspectiva, o fenômeno, aqui analisado, implicará em reflexões que sejam concernentes com o suporte teórico condizente. No diapasão das abordagens de uso, a linguística histórica se insere como recurso válido para dar suporte ao vislumbre diacrônico de formas que em determinadas sincronias – ou na atualidade – assumiam posições/funções adversas, ou até mesmo, a demarcação de processos de lexicalização e/ou gramaticalização.

Neste parâmetro, abordagens historicistas, amparadas em transformações nos segmentos de unidade fonológica (AZEREDO, 2011, p. 388), consideram fenômenos de “perda” a partir de processos conhecidos, mais precisamente no âmbito da Filologia, como metaplasmos. Segundo Coutinho (1976), o termo trata de

modificações fonéticas que os vocábulos sofreram ao longo da sua evolução. Essas modificações podem ser de quatro espécies [...] Assim sendo, dividem-se os metaplasmos em, a) metaplasmo por permuta; b) metaplasmo por aumento; c) metaplasmo por subtração; d) metaplasmo por transposição. (COUTINHO, 1976, p. 142 *apud* DIAS, 2015).

Para nosso estudo, nos interessa os chamados metaplasmos por supressão, por indicarem a subtração, retirada, perda e/ou, apagamento de segmentos fonéticos na constituição da palavra. Nesse aspecto, Azeredo (2011, p. 388) relaciona quatro possibilidades:

- a) Aférese: queda de um fonema ou sílaba no início do vocábulo. No uso coloquial brasileiro mais informal as formas do verbo *estar* perdem a primeira sílaba: *tá, tô, tão, teve, tava* etc.

- b) Apócope: queda de um fonema no final do vocábulo. Na fala espontânea, até mesmo das variedades padrão, é **comum a queda do /R/ final da forma infinitiva dos verbos:**³*olhá, dizê, dá, perdê, dormi* (por *olhar, dizer, dar, perder, dormir*).
- c) Síncope: queda de um fonema no interior do vocábulo. Na fala espontânea, e particularmente nas variedades populares da língua, desaparece a vogal pós-tônica não final seguida de /r/: *xícara* para a *xicra*, *fósforo* passa a *fósfro*, *abóbora* para a *abóbra*.
- d) Haplologia: é a supressão de uma sílaba em contato com outra idêntica ou foneticamente muito parecida: *paralepipó* (por *paralelepípedo*).

Associado a essa discussão, para refletirmos parâmetros de transformação escrita, temos, ainda, a perspectiva da “verificação da ortografia fonética”, nos termos de Ilari e Basso (2011). Um sistema ortográfico não se cria do nada (Cagliari apud Ilari e Basso, 2009). Até que uma língua encontre o seu, passa-se normalmente por uma fase em que são resolvidas muitas divergências, que afetam não só a maneira de representar a pronúncia, mas também a própria maneira de pronunciar, a forma correta das palavras, a maneira de segmentar a fala e assim por diante. (p.199)

Segundo Ilari e Basso (2011, p. 200), esse sistema ortográfico teve suas fases. A fase ortografia fonética data do período medieval e é assim denominada pela preocupação de fazer da grafia uma reprodução fiel dos sons ouvidos. Ortografia pseudoetimológica (1572 até 1911) etimológica porque havia uma preocupação de representar na escrita a origem da palavra. Nesse período se fixaram grafias como *homem* e *havia* (em vez de *omem* e *avia*), motivadas não pela pronúncia, mas pela lembrança das grafias latinas *hominem* e *habebat*. Nesse período também surgiram grafias como *pharmácia* e *ptysico*. Chamar esse período de pseudoetimológico é que a preocupação em mostrar conhecimento das línguas clássicas baseava-se, muitas vezes em um conhecimento precário, e isso levou, em muitos casos, a explicações etimológicas mirabolantes: por exemplo, pensou-se que o h inicial se justificava na palavra *ermitão* (então escrita *hermitão*) porque

³ Grifo nosso.

a letra h era representada com uma haste arredondada que lembrava o cajado dos hermitões.

Voltando ao apagamento do /r/, seja na oralidade ou na escrita, este fenômeno tem sido observado por pesquisadores da linguística e da fonética e fonologia há bastante tempo. Resultante dessas análises de cunho diacrônico, foi notável a possibilidade de encontrar registros desse fenômeno no século XVI, como é o caso – já mencionado – da recorrência encontrada nas peças de Gil Vicente, apontadas por Callou, Moraes e Leite (1998). Segundo eles, a supressão do /r/ é diretamente ligada a personagens que representam as minorias sociais como os que, por questões coloniais, foram desaculturados assim como os negros escravizados.

Com o avanço dos estudos sociolinguísticos de cunho sincrônicos, podemos observar que essa ideia estigmatizada da linguagem não-culta como retrato de minorias tem sido diluída e podemos encontrar até mesmo indivíduos com grau de escolaridade superior cometendo esse apagamento, na sua fala e até mesmo na sua escrita.

De fato, observa-se maior recorrência desse tipo de tendência sendo observada através de parâmetros de escolaridade. Existem, ainda, estudos, como os de Callou, Moraes e Leite (2010) que comentam sobre essa dissolvência, com dados de *corpora* da região sudeste:

Hoje um uso irrestrito, não sendo privativo de mulheres ou de qualquer etnia, classe social ou nível de escolaridade. São as mulheres jovens, contudo, que, em termos percentuais, utilizam mais frequentemente a variante marcada e mais inovadora, apagando o r final nas formas verbais do infinitivo. Isso talvez indique que esse tipo de pronúncia não seja mais estigmatizado. Por outro lado, as mulheres adultas acima de 36 anos diminuem sensivelmente o percentual de uso, comportamento esse oposto ao dos homens, e que talvez denote que uma marca negativa ainda persiste. (CALLOU & LEITE, 2010, p. 37)

Messias (2007), por exemplo, analisando o apagamento do /r/ nos verbos no infinitivo, pontua que tão pouco esta tendência se restringe a uma região. Segundo a pesquisadora,

O que se tem descoberto, a partir de estudos na área da Sociolinguística Variacionista sobre a apócope do /R/ é que o português brasileiro possui na fala uma forte tendência de eliminação da vibrante final em posição de coda silábica, algo que se manifesta com frequência distinta nas diferentes regiões do

Brasil. Portanto, com relação à questão geográfica, **o apagamento do /R/ é um fenômeno que se estende por todas as regiões do país.** (p. 15 – *grifo nosso*).

A ocorrência desse apagamento do /r/ nos verbos no infinitivo presente na fala em ambientes não monitorados, ou seja, em locais que permitam o indivíduo usufruir da língua de modo natural; é comum e recorrente considerando até mesmo o ambiente de sala de aula. Contudo, o mesmo episódio não acontece quando ocorre na escrita, pois as variações representadas ortograficamente ainda não são bem aceitas. Refletindo sobre isso, Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p. 54) comentam:

[a] língua já venceu os estágios históricos da sua codificação. A uniformidade de que a ortografia se reveste garante sua funcionalidade. Toda variação fonológica de um discurso oral (inclusive e principalmente a de natureza regional) se reduz a uma ortografia fixa e invariável, cuja transgressão não é uma opção aberta para o usuário da língua.

Devemos considerar que a escrita não é um fator natural do ser humano, diferente da fala. Para obter a habilidade de escrita, o interessado deve se dispor a escolarização para que nesse processo possa desenvolver a técnica. Dessa maneira, fica explícito a sujeição de intervenções externas nesse processo. Para além disso, Mollica (2003, p. 23) considera que os processos fonológicos variáveis são refletidos nessa escrita e que esses fatores são persuadidos por condições sociais, que influenciam não somente na ocorrência, mas também na frequência, dependendo do perfil sociolinguístico do falante aprendiz da escrita. Segundo a pesquisadora,

Condicionamentos concorrem para a manutenção ou cancelamento dos travadores silábicos que atuam na fala e na escrita. [...] esses condicionamentos se enquadram na hipótese segundo a qual regras em mudança (na fala) são mais resistentes à recuperação de segmentos cancelados (na escrita) do que regras em variação estável. (p. 26-27).

Compreende-se, portanto, que a escrita muitas vezes é persuadida por ajustes fonológicos que realizamos no processo da fala. Sendo assim, é comum que o falante tencione a escrever da mesma forma que fala e que essa fala é

embebida de condicionadores dos mais diversos cunhos, como econômico, social, regional etc.

Cientes disso, seguimos nosso estudo apresentando nossas veredas metodológicas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NA PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

A metodologia adotada para realizar esta pesquisa é de caráter qualitativo, interpretativista e quantitativo, focalizando os aspectos linguísticos e sociais do português do Brasil. Sob essa orientação, analisamos a recorrência do apagamento do /r/ em verbos no infinitivo na escrita de alagoa-grandenses, portanto, considera-se nesta pesquisa os aspectos socioculturais do informante como gênero/sexo, grau de escolaridade e faixa etária.

De acordo com Moita & Lopes (1994), em se tratando do modo de fazer pesquisa, dentre os paradigmas existentes nos estudos da linguagem, temos (i) as de base positivista e outra de base interpretativista. Em relação ao paradigma interpretativista, os aspectos qualitativos, subjetividade e/ou particularidade é o que ganha destaque aos olhos do investigador. Essas pesquisas priorizam reflexões sobre os processos que condizem à produção e à compreensão dos fenômenos linguísticos.

Moita Lopes (1994), ainda ressalta que há dois tipos de pesquisa interpretativista: a etnográfica e a introspectiva. De acordo com Divan e Oliveira (2008), nesses termos, a pesquisa etnográfica tem sua origem na sociologia e na antropologia e tem como foco principal o contexto social da perspectiva dos participantes, ou seja, uma perspectiva êmica, que não considera somente a observação do pesquisador externo, mas leva em conta a visão dos participantes. De acordo com a posição interpretativista etnográfica, não podemos ignorar a visão dos participantes para investigar o mundo social, pois a linguagem é, ao mesmo tempo, determinante do fato social e o meio de se ter acesso a sua compreensão, através da consideração das interpretações dos participantes do contexto social sob investigação e das interpretações dos pesquisadores.

Uma vez que investigamos realizações de uso escrito da língua, esclarecemos que não lançamos mão do método de investigação mais recorrente, da sociolinguística variacional, que se utiliza de dados quantitativos para interpretação dos fenômenos, a exemplo do pacote de programas computacionais que compõem o GOLDVARB2001 (ROBINSON e TAGLIAMONTE, 2001). Por ocasião disso, salientamos, no entanto, que as noções como “variável”, “variante”

e de “grupos de fatores” não foram empregadas em sua acepção restrita. No caso do fenômeno analisado, verificamos que a maioria das ocorrências se justifica a partir de um critério de variante linguística no seu sentido mais estrito, uma vez que o tratamento dos dados se deu para além de *softwares*.

O *corpus* desta pesquisa é alicerçado por textos concedidos por 50 informantes e produzidos através de um questionário. Para seleção dos informantes fixamos alguns critérios que avaliamos como importantes para nossa leitura. Dessa forma, selecionamos 25 participantes que se identificaram enquanto gênero feminino e 25 referentes ao gênero masculino, todos naturais do município de Alagoa Grande, PB. Dentre o recorte de gênero/sexo, considerou-se também a faixa etária entre 15 e 55 anos e o grau de escolaridade do fundamental incompleto ao superior completo.

Os textos disponibilizados pelos informantes foram norteados pelo questionário (vide apêndices – figura 1) elaborado pela autora. No questionário, ciente do paradoxo do pesquisador, salientado por Labov (2008), preocupamo-nos em elaborar um formulário que induzisse os informantes a utilizar verbos no infinitivo. Em vista disso, apresentamos quatro questões interrogativas que solicitaram a menção de ações, sendo elas: Como a pandemia do COVID-19 interferiu em sua rotina? Quais atividades você costumava realizar antes do período de isolamento social? Você adotou novos hábitos durante este período? Se sim, quais? Para elaboração julgamos interessante utilizar o contexto atual no qual nos encontramos, visando aproximar ainda mais os voluntários na tentativa de influí-los a uma escrita ainda mais subjetiva e espontânea.

Tangente à aplicação do questionário, devido ao contexto pandêmico, foi necessário devido a medidas restritivas que outras atenções fossem adotadas como as seguintes: visando manter o afastamento social, entramos em consenso com os participantes voluntários de forma aleatória e enviamos os questionários em formato PDF, via *e-mail* e *WhatsApp*; pedimos que eles realizassem a impressão, respondessem as questões de forma manuscrita e nos retornassem fidedignamente em 01 (um) dia. Este curto prazo foi para evitar que pesquisas fossem feitas pela internet, além disso, adotamos o manuscrito porque acreditamos que com formulário online os resultados da pesquisa ficariam comprometidos devido ao auxílio dos corretores automáticos dos teclados digitais;

mantemos em sigilo a identidade dos informantes e, estes, logo, permitiram que o uso de seus textos servisse de base para os estudos planejados.

Sendo assim, com base no material recolhido, estruturamos a presente pesquisa para além do viés quantitativo, pois, acreditamos ser possível apresentar as porcentagens, através de gráficos, da recorrência do fenômeno que foi proposto aqui como a eliminação do /r/ na escrita de alagoa-grandenses especificamente em verbos no infinitivo. Ainda, com contrapontos de estudos outros que versam sobre a mesma temática no auxílio da elaboração das reflexões realizadas em análise. Mediante isso, almejamos poder apontar como até mesmo a escrita experimental e retrata as manifestações sociolinguísticas alimentadas por condições como, por exemplo, o grau de escolaridade e gênero.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção será de nosso interesse ilustrar e discutir os dados coletados através do questionário mencionado anteriormente. É importante ressaltar que, de acordo com os parâmetros organizados por Cardoso (2010), nossa pesquisa não confrontou dados de variação diatópica, uma vez que nos voltamos a um determinado fenômeno em tendência de uma localidade específica.

Organizamos a apresentação em gráficos da seguinte forma: primeiro momento, gráfico 1, com amostragem do percentual geral da ocorrência separado pelo gênero declarado os informantes; segundo momento, dada as porcentagens gerais, realizamos um recorte e passamos a considerar para nossa leitura apenas os informantes que apresentaram o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo em suas respectivas produções escritas. Na sequência, consideramos o gênero e o grau de escolaridade apenas dos informantes que apresentaram a eliminação do /r/ na escrita, como ilustramos nos gráficos 2 e 3.

Resultante da análise dos textos no geral, obtivemos as seguintes porcentagens:

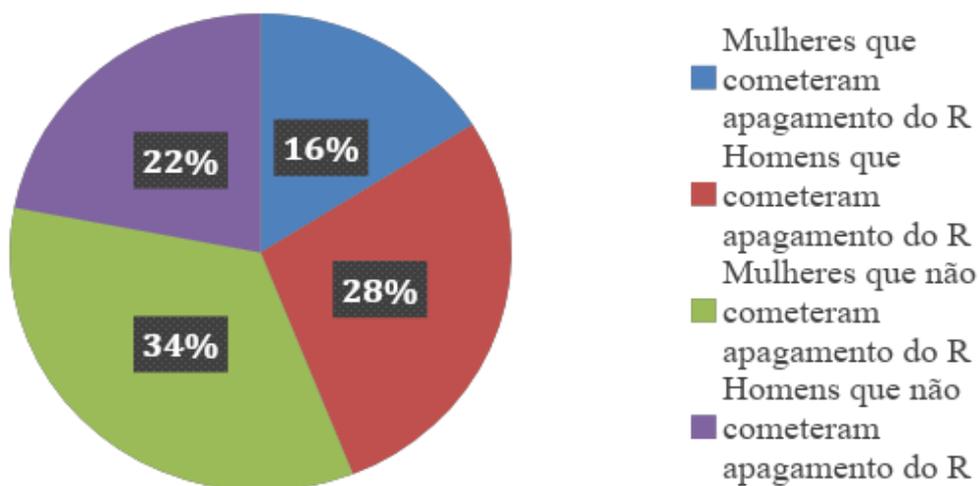


Gráfico 1: Porcentagem do apagamento do /r/ entre os informantes por gênero

Dados observados no primeiro gráfico indicam que a interpretação deve ser pautada pelos parâmetros de variação diagenérica (CARDOSO, 2010, p. 51), porque observa os fenômenos de competição entre homens e mulheres. Existem,

nessa linha, muitas hipóteses que se amparam no fator de gênero para se tratar do empenho e na resistência em se produzir modelos normativos de uma variante culta do português falado no Brasil.

Nesse aspecto, podemos focar em duas possibilidades. Na soma percentual, as mulheres são as que menos produzem o apagamento do /r/ em suas produções escritas (TORRES, OLIVEIRA, 2015; CALLOU, SERRA, CUNHA, 2015, CALLOU, MORAES; LEITE, 2013; LEITE; CALLOU, 2005). Aqui, não podemos tratar desse dado com base em tautologias do senso comum, mas no cruzamento de outros critérios de observação de variantes, esse aspecto pode oferecer mais possibilidades de reflexão, como até que ponto esse dado revela modos/maneiras/estilo como prática estereotipada e, ainda, como demarcador social, de acordo com Callou, Morais e Leite (2001).

Esses dados também revelam que, nos processos de escrita, outras subjetividades são colocadas, não necessariamente em relação ao tratamento linguístico-gramatical, mas valores sócio-interacionais e cognitivos são recursais, ainda, para que o fenômeno seja compreendido de forma mais ampla. (BRONCKART, 2012; KOCH, 2011; KOCH & ELIAS, 2013; REINALDO, 2005)

Ainda, vale ressaltar que recebemos textos de 25 participantes declarados do gênero masculino e 25 do gênero feminino. Sendo assim podemos levantar algumas afirmações iniciais, dada as leituras apresentadas no gráfico 1. Somando a porcentagem dos informantes que não apresentaram em sua escrita o apagamento do /r/ nos verbos no infinitivo, podemos concordar que a ocorrência do fenômeno de eliminação ocorre em menor porcentagem. Ou seja, dentre os cinquenta voluntários, apenas 44% apresentaram a eliminação do vocábulo na sua escrita, enquanto os 56% realizaram o questionário em plenitude.

Outro fator interessante para observarmos é a porcentagem voltada aos gêneros. Na leitura geral, é notório que o apagamento do /r/ mais recorrente se refere aos informantes do gênero masculino. Vejamos que, dentre os 44% de ocorrências, em relação ao feminino foram relatados apenas em 16%, enquanto aos declarados do gênero masculino foram em 28%.

Agora, considerando o grau de escolaridade desses 44% dos informantes que apresentaram o apagamento, chegamos aos seguintes resultados:

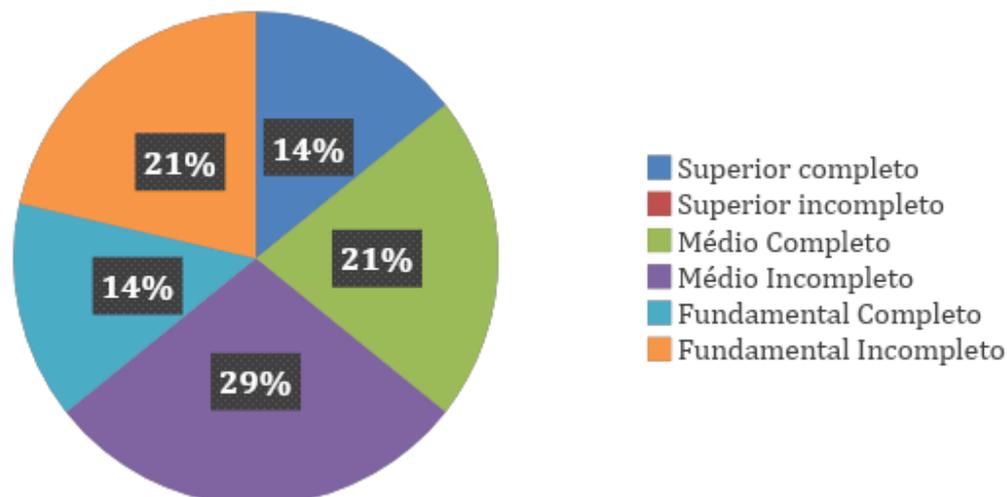


Gráfico 2: Grau de escolaridade de informantes do gênero masculino que cometeram o apagamento do /r/ nos verbos no infinitivo

Em se tratando dos níveis de escolaridade, a pesquisa que se volta aos fenômenos que surgem a partir do grau de instrução do informante tem uma importante tradição e importância no cenário dos estudos de variação no Brasil. A título de exemplo podemos citar alguns projetos de pesquisa pioneiros na área de estudos sociolinguísticos no Brasil, tais como: o Projeto NURC (Norma Urbana Culta), iniciado em 1970 e em desenvolvimento até hoje, que investiga as variedades prestigiadas do Português Brasileiro, reúne dados de cinco capitais brasileiras - São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife - em três tipos de inquérito: (a) diálogo entre dois informantes, (b) elocução formal e (c) diálogo entre informante e documentador; O Projeto PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), sediado na faculdade de Letras da UFRJ, conhecido originalmente como Projeto Censo da Variação Linguística do Estado do Rio de Janeiro, com mais de vinte anos; o Projeto VALPB (Variação Linguística da Paraíba), da UFPB (Universidade Federal da Paraíba); o Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), que reúne amostras de fala representativas das variedades linguísticas dos estados da região Sul do Brasil - Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Voltando aos dados apresentados no gráfico 2, que se referem grau de escolaridade dos informantes do gênero masculino que apresentaram o

apagamento do /r/ ao escreverem os verbos no infinitivo, podemos afirmar que os informantes que mais cometeram o fenômeno de apagamento foram do Ensino Médio incompleto, seguido dos que têm Ensino Médio completo e têm Ensino Fundamental Incompleto. Não houve participantes do gênero masculino com Ensino Superior incompleto, sendo assim, a menor porcentagem de ocorrência ficou em equidade entre os participantes com Ensino Fundamental completo e os com Ensino Superior completo.

A interpretação desses dados nos guia à compreensão do intercruzamento de três aspectos: utilização de variante desprestigiada, o aspecto – ainda – diagenérico e, por fim e não menos importante, níveis de letramento. Em relação ao último aspecto, o despertar para tal questão se deve ao fato de que a compreensão de posturas em relação ao conhecimento social e da produção de sentidos mobilizados na escrita, a escolarização é um fator preponderante. (CAGLIARI, 1989; SOARES, 1998; ROJO, 2012, SCHNEUWLY & DOLZ, 2004) Ao considerar níveis de letramento, também deve ser considerado como são as experiências do usuário perante às construções de sentido realizadas com relação as atividades sócio-discursivas na leitura, compreensão e produção de determinados gêneros.

Considerando esses fatores, pode acontecer que os dados não revelem tanta discrepância entre os fatores/variáveis. Isso se dá pela ineficiência de se monitorar subjetividades no tratamento dos processos que a escrita reúne.

Além dos dados revelarem que o grau de instrução indiciário oportuniza a recorrência da apócope, ainda devemos considerar que algumas hipóteses podem ser diluídas, no tratamento da utilização da variante padrão com segmento final do /r/ marcado textualmente.

Voltando ao fenômeno sociolinguístico, nas respostas dos informantes do gênero masculino, podemos constatar que esse apagamento não ocorre em todos os verbos no infinitivo em sua escrita. Ocorre, principalmente, nos últimos verbos da sua frase, como na seguinte ocorrência:

Resposta	Transcrição
<p>Idade: <u>16</u> Gênero: <u>Masculino</u> Etnia: <u>Pardo</u> Endereço: <u>Rua São José 65</u> Naturalidade: <u>Brasilândia</u> Nível de Escolaridade: <u>Curso Fundamental</u> Ocupação: <u>Estudante</u></p> <p>Como a pandemia do COVID-19 interferiu em sua rotina? Quais atividades você costumava realizar antes do período de isolamento social? Você adotou novos hábitos durante este período? Se sim, quais?</p> <p><i>A pandemia do covid-19 mudou o dia de todos as de uma hora pra outra e sem possibilidade de fazer muito planejamento. Antes do isolamento social eu costumava sair, viajar, caminha com os amigos etc. Agora tenho que ficar em casa com os meus amigos e fazer planos de ter cuidados com a higiene das mãos e usar máscara e evitar a transmissão de uma série de doenças infecciosas.</i></p>	<p>A pandemia do covid-19 mudou o dia de todos nós de uma hora pra outra e sem possibilidade de fazer muito planejamento. Antes do isolamento social eu costumava <u>sair, viajar, caminha</u> com os amigos...</p>

Já no gráfico 3, o mesmo recorte é observado, porém considerando os participantes do gênero feminino. Dessa maneira, chegamos as seguintes porcentagens:

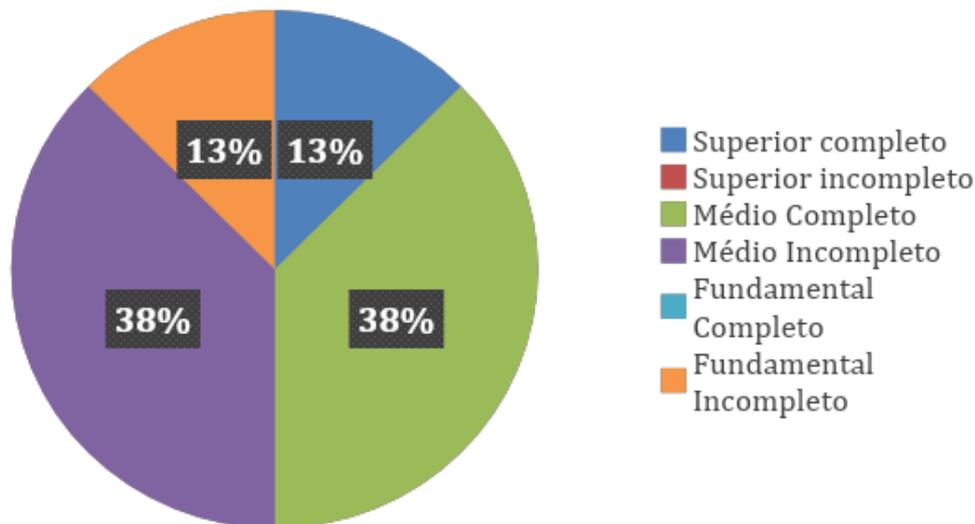


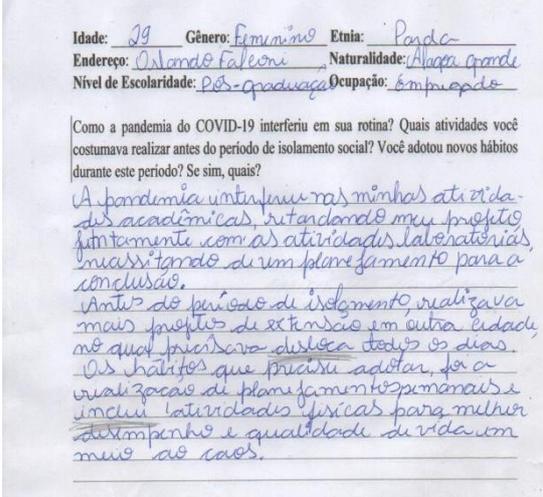
Gráfico 3: Grau de escolaridade de informantes do gênero feminino que cometeram o apagamento do /r/ nos verbos no infinitivo

Assim como representado no gráfico 2, podemos observar neste 3 que a maior taxa de ocorrência se encontra nos participantes do Ensino Médio, seja incompleto ou completo. A menor taxa é encontrada em participantes com Ensino Superior Completo. Assim, podemos concordar que essa variação ortográfica não

é acarretada apenas pelo grau de escolaridade ou pela falta dele, já que até mesmo indivíduos com acesso ao Ensino Superior, independente do gênero, estão sujeitos a cometer esse apagamento.

Fica a reflexão de que mesmo os dados não revelando que os informantes com altos graus de instrução não lançam mão da variante em apócope, o percentual mais evidente deixa de revelar uma mudança em tempo real? Na focalização do apagamento do /r/ verificamos o estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no Português do Brasil, em posição final no vocábulo, na fala culta do Rio de Janeiro (CALLOU; MORAIS; LEITE, 2001), mas no interior de uma cidade do estado da região nordeste, esse dado não se confirma, por ocasião do que nos revela os dados e das hipóteses que nos inclinaram a construir a fundamentação desta pesquisa. Talvez a especificidade da modalidade analisada revele tendências mais evidentes e essas comparações devam oferecer mais pontos de discussão para abordagens vindouras.

Dentre as informantes do gênero feminino, observamos a recorrência do apagamento do /r/, bem como nos informantes do gênero masculino esse fenômeno ocorre apenas em alguns verbos, não na totalidade da escrita. Como podemos acompanhar, de acordo com a resposta de um informante-voluntário do sexo feminino:

Resposta	Transcrição
 <p>Figura 2: resposta de uma informante de 29 anos, feminino, superior completo.</p>	<p>“Antes do período de isolamento realizava mais projetos de extensão em outra cidade. No qual precisava desloca todos os dias.</p> <p>Os hábitos que precisei adotar, foi a realização de planejamentos semanais e inclui atividades físicas para melhor desempenho e qualidade de vida em meio ao caos.”</p>

Com esse exemplo, notamos que o apagamento ocorre em menor número nos informantes de nível superior, mas não é inexistente a recorrência. É possível notar que as taxas são menores e que esse fator está atrelado a faixa etária dos informantes, como podemos notar nos dados presentes do gráfico a seguir (gráfico 4). Por esse motivo, consideramos que a escrita ganha uma maturidade e um policiamento intrínseco ao desenvolvimento do falante que consegue acessar as etapas de Ensino Superior.

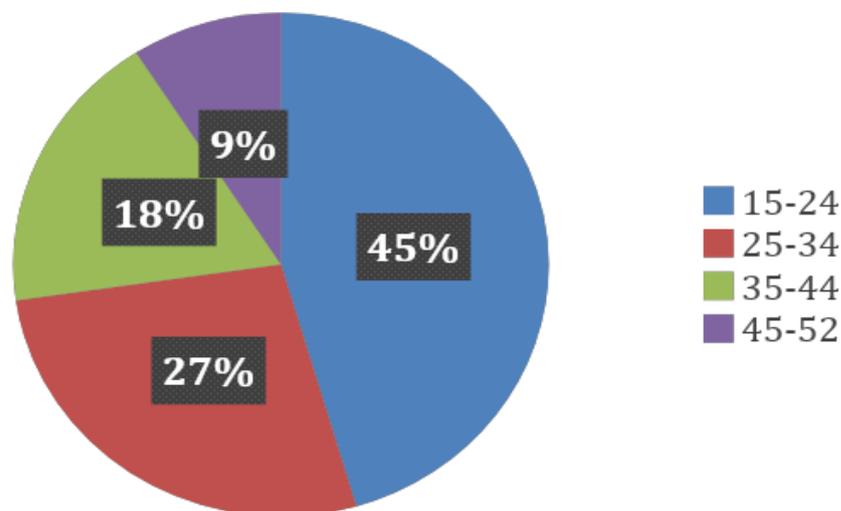


Gráfico 4: Faixa etária dos participantes que apresentaram o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo.

Para esta leitura, presente no gráfico 4, consideramos a faixa etária dos participantes da seguinte maneira: entre 15 e 24 anos; 25 e 34 anos; 35 e 44 anos e 45 e 52 anos. Os dados apresentados revelam que o apagamento do /r/ acontece com maior recorrência nos jovens/adolescentes alagoa-grandenses que estão entre 15 e 24 anos (46%). De antemão, o menor número de recorrências aparece entre pessoas mais velhas, sendo 9% para pessoas entre 45 e 52 anos; e, 18% entre pessoas com 35 e 44 anos. (TORRES, OLIVEIRA, 2015; CALLOU, SERRA, CUNHA, 2015, CALLOU, MORAES; LEITE, 2013; LEITE; CALLOU, 2005)

Nesse fator, são consideradas as motivações de variação no aspecto diageracional que, nos termos de Cardoso (2010, p. 50), há uma explanação

ressaltando que “o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que se possam comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos e determinar seu ponto de origem”.

Ainda referente a variável extra linguística de faixa etária dos participantes desta pesquisa, algumas escritas produzidas abaixo exemplificam o percentual evidente no gráfico 4 acima, quanto a ocorrência e manutenção do fenômeno linguístico por usuários de faixas etárias distintas. Logo, nestas ocorrências é possível perceber que, no texto 1 (um), a ausência do /r/ em verbos no infinitivo é recorrente, enquanto no texto 2 (dois), a presença deste se mantém.

Neste aspecto, o percentual de 46% (quarenta e seis por cento) de pessoas que cometeram o apagamento representa o grupo de informantes jovens de 15 a 24 anos de idade, e o percentual de 18% (dezoito por cento) são de pessoas que conservaram a consoante final /r/, representantes do grupo etário dos mais velhos entre 35 e 44 anos de idade.

<p>Idade: 46 Gênero: feminino Etnia: branca Endereço: General Sampaio nº 34 Naturalidade: Alagoas grande AL Nível de Escolaridade: 9º ano Ocupação: design-estudante</p> <p>Como a pandemia do COVID-19 interferiu em sua rotina? Quais atividades você costumava realizar antes do período de isolamento social? Você adotou novos hábitos durante este período? Se sim, quais?</p> <p>A pandemia do COVID-19, interferiu bastante na minha rotina, de início fiquei desempregado pelo fato que trabalho em comércio e as reuniões online se diminuí e fui afastado por tempo indeterminado. Praticar exercícios, eu fiz que faço por causa que tudo mudou lavando isso muitas vezes e lavar a mão muito, eu não continuei fazer coisas como ir ao trabalho, estudar e socializar. Os hábitos adotados foi ter uma alimentação saudável e praticar musculação.</p>	<p>Idade: 47 Gênero: feminino Etnia: branca Endereço: RUA 225 305E nº 65 Naturalidade: Brasileira Nível de Escolaridade: Curso Técnico em Informática Ocupação: Estudante</p> <p>Como a pandemia do COVID-19 interferiu em sua rotina? Quais atividades você costumava realizar antes do período de isolamento social? Você adotou novos hábitos durante este período? Se sim, quais?</p> <p>A pandemia do COVID-19, por uma mudança de rotina não fui de sair muito frequentando locais como shopping, com amigos, frequentando as coisas que eu gostava de fazer, mas continuei com os meus hábitos como os passeios que eu faço antes da pandemia.</p>
---	---

Figuras 3 e 4: Imagens de texto de informantes

Como já salientado por Azeredo (2010), sobre indícios de apagamento do /r/ final em verbos no infinitivo por grupos de pessoas mais jovens, Messias, (2019)

também converge com o mesmo pressuposto ao afirmar em seus estudos sociolinguísticos que “[...] é comum que a fala espontânea e/ou escrita dos mais jovens apresentem maiores índices de apagamento do rótico.

Por este ângulo, observa-se que essa “instabilidade” possa vir a gerar um processo de mudança em evolução como prevê (MARTELOTA, et al., 2008, p.151) que “...um uso muito elevado de ocorrências de qualquer fenômeno linguístico na fala ou escrita de jovens pode indicar mudança em progresso.

Apesar da constatação de outras inadequações ortográficas presentes nestes textos acima, o nosso objetivo principal, por ora, é analisar exclusivamente a eliminação do/r/ final em verbos no infinitivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias linguísticas que têm como propósito discutir a inserção dos fatores sociais nas relações de análise colaboram efetivamente para a divulgação da radiografia humanística de construtos epistemológicos que ressaltam a realidade que permeia o âmbito dos processos reais e factuais de linguagem. Isso significa que a barreira para reflexões linguísticas que não se baseiam nas dinâmicas transformações respaldadas pelos processos de comunicação/interação já foi ultrapassada.

Cabe-nos, então, considerar a heterogeneidade linguística como um efeito estandardizado e não limitado, reforçando a ideia da constante mudança que sofre os processos linguísticos e suas materializações, em geral.

Nosso estudo, neste aspecto, mostra uma outra face dos processos sociolinguísticos de variação e mudança, mas não restritamente voltados a cadeia da oralidade. É evidente que as analogias ressaltadas para a compreensão da influência de uma modalidade sobre a outra persistem, alicerçando as novas abordagens e direcionamentos.

Os estudos de mudança têm pouca tendência em analisar os processos evidenciados no âmbito da escrita, por ocasião de que em muitas abordagens/estudos, essa modalidade é tida como a que menos expressa aspectos de variação do sistema linguístico, por ocasião de posturas de monitoramento e predileção pelo procedimento de prescrição advindo dos compêndios gramaticais.

Neste íterim, esta pesquisa buscou compreender como acontece a mudança linguística, mais precisamente em relação ao apagamento do /r/ no final de palavras, como um recurso de apócope direcionada à escrita dos habitantes da cidade de Alagoa Grande, na Paraíba.

O *corpus*, que inicialmente tratamos como material coletado, composto por textos escritos dos informantes voluntários assegurou que atestássemos as recorrências de variantes hipotetizadas para esta pesquisa. A demarcação dos fenômenos de apagamento do /r/ foi consideravelmente constatada e fundamentada pela análise, para além de quantitativa, do corpus.

Em seguida, após a identificação do fenômeno, com a organização e a apresentação das mostras percentuais da presença do fenômeno do apagamento do /r/, foram elaboradas as demonstrações quantitativas através do auxílio interpretativo de gráficos. Essa estratégia visual auxilia na compreensão da recorrência/frequência/rotinização da utilização da variante, ainda com auxílios dos eventos reais da realização do apagamento através de exemplos retirados dos dados da pesquisa.

Desse modo, realizamos um estudo quali-quantitativo que avaliou/discutiu/analisa essa recorrência do apagamento em verbos no infinitivo na escrita de alagoa-grandenses.

Resultante das leituras permitidas através dos dados fornecidos pelos informantes voluntários, podemos afirmar que na escrita de alagoa-grandenses ocorre o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo, não sendo, então, uma exceção em relação aos outros municípios e estados, tampouco restrito a algum grupo social específico, como encontrado representado na obra de Gil Vicente, apontado por Callou, Moraes e Leite (1998). Em nossa análise ficou constatado que o fenômeno de variação evidentes na escrita desses colaboradores ocorre independentemente de gênero, grau de escolaridade e faixa etária.

Contudo, é notório que dependendo desses condicionadores a recorrência pode aparecer em maior número. Como foi apontado em relação ao gênero masculino, principalmente na faixa etária entre 15 e 24 anos e com Ensino Médio, completo ou incompleto, a ocorrência aparece em maior número ao comparado com os informantes do gênero feminino equivalente ao mesmo grau de escolaridade e faixa etária.

Com isso, com base em Callou, Moraes e Leite (2001), constatamos uma mudança completa no sentido da perda do segmento ou de sua recuperação — apresenta-se uma análise em tempo aparente e em tempo real, através de um estudo em painel (*panel study*) e de um estudo de tendências (*trend study*), conforme a metodologia proposta por William Labov (2008).

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARBOSA, J.C. F; PEREIRA, M; SILVA, H.M.L. Prolegômenos sobre mudança linguística. In: **Letras Escreve**. Macapá, v. 9, n. 4, 2º sem., 2019.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 2012.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. **Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real**. Revista D.E.L.T.A. São Paulo, vol. 14, n. especial, 1998.
- LEITE, Yone; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 1, 8 ago. 2015.
- CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. (Org.). **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTA, M. E. (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DIAS, Ana Lourdes Cardoso. Ismael de Lima Coutinho e sua gramática histórica. **Mediação** [on-line]. Pires do Rio - GO, v. 10, n. 1, p. 120-134, jan./dez. 2015.

Disponível em: < www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/4086>. Acesso em: 08 mai. 2018.

DIVAN, Lílian Márcia Ferreira; OLIVEIRA, Roberto Perobelli de. A pesquisa qualitativa e o paradigma da ciência pós-moderna: uma reflexão epistemológica e metodológica sobre o fazer científico. In: **Gragoatá**. Niterói, n. 25, p. 185-202, 2. sem. 2008.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande – sua história**: de 1625 a 2000. Vol 1. Editora A União. 2002.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Chave e as portas: prefácio. In: SIMÕES, Darcilia. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006.

HOPPER, Paul. The emergent grammar. In: TOMASELLO, Michael. **The new psychology of language**: cognitive and functional approaches to language structure. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1998. p. 155-175.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo : Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (orgs.) **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 13-30.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em lingüística aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 329-383, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3.ed. São Paulo : Contexto, 2008.

MOLLICA, Maria Cecília. Da linguagem coloquial à escrita padrão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003

MESSIAS, Eveline Souza. **Aspectos Grafofonéticos em redações escolares**: a apócope do /R/ em formas verbais. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana. 2017.

_____, Eveline Souza. Apagamento do /r/ em formas verbais infinitivas em textos escolares: uma proposta de intervenção. / . -2019.

PAIVA, Maria da Conceição Paiva; DUARTE, Maria Eugênia Duarte. Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, Maria da Conceição Paiva; DUARTE, Maria Eugênia Duarte (orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra capa, 2003, p. 13-29.

REINALDO, Maria Augusta. A orientação para a produção de texto. In: DIONISIO, Angela. BEZERRA, Maria Auxiliadora. O livro didático de português: múltiplos olhares. 3.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 89-101

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquin. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

TESCH, Leila Maria; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança na fala e na escrita: caminhos e fronteiras. In: **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 87-106, 2014.

TORRES, Fábio Fernandes; SILVA, Izabel Larissa Lucena. **Contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa**: entre normas, variação e ensino. 2019.

TORRES, Paula Freitas de Jesus; OLIVEIRA, Josane Moreira de. O apagamento do -r no final de vocábulo em produções escolares na cidade de Feira de Santana–BA. In: **Cadernos do CNLF**, Vol. XIX, Nº 01 – Fonética, Fonologia, Ortografia e Política Linguística. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.

APÊNDICE

Idade: _____ **Gênero:** _____ **Etnia:** _____
Endereço: _____ **Naturalidade:** _____
Nível de Escolaridade: _____ **Ocupação:** _____

Como a pandemia do COVID-19 interferiu em sua rotina? Quais atividades você costumava realizar antes do período de isolamento social? Você adotou novos hábitos durante este período? Se sim, quais?

Agradecemos a sua participação!

Figura 1: Questionário utilizado para coleta do *corpus*